

*amores monstruosos*



*Clara Ferrer*

*amores monstruosos*

G a r a m o n d

Copyright © 2016, Clara Ferrer

Direitos cedidos para esta edição à  
Editora Garamond Ltda.  
Rua Cândido de Oliveira, 43/101 - Rio Comprido  
Rio de Janeiro – Brasil Cep: 20.261-115  
Telefax: (21) 2504-9211  
editora@garamond.com.br  
www.garamond.com.br

*Este livro foi laureado com a menção honrosa no PRÊMIO  
RIO DE LITERATURA 2016, categoria Novo Autor Fluminense,  
promovido pela Fundação Cesgranrio e pela Secretaria de  
Estado de Cultura do Rio de Janeiro*

Revisão  
*Alberto Almeida*

Diagramação  
*Editora Garamond*

Capa  
*Estúdio Garamond*  
Sobre ilustração de Rodrigo Leme

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

F446a

Ferrer, Clara  
Amores monstruosos / Clara Ferrer. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Garamond, 2016.  
116 p. ; 21 cm.

ISBN 978857617444-8

1. Ficção brasileira. I. Título.

16-37284

CDD: 869.93  
CDU: 821.134.3(81)-3

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

*A todos os adoráveis meninos que  
partiram meu coração,  
Às maravilhosas mulheres que me  
ajudaram a recolher seus pedaços,  
E ao garoto que os colou.*



## Sumário

um amor que se consuma  
nas rachaduras da materialidade, **9**

as doze irmãs, **31**

as delicadas monstruosidades de elena, **37**

apenas o eu que existe em você seria  
capaz de amar o você que existe em mim, **81**

se o amor fosse objeto descartável, **91**

se garotas fossem monstros, **109**

conto de fadas epistemológico, **111**





# um amor que se consuma nas rachaduras da materialidade

## I.

Era uma cidade antiga, com a fria e resistente nobreza de todas as coisas talhadas em pedra. Suas impávidas muralhas eram grossas o suficiente para barrar até mesmo a passagem do tempo, e por dentro delas a vida acontecia com o decidido vagar das causas perdidas. Seus sons obedeciam àquela lentidão sagrada, limitando-se a discretos farfalhares emudecidos que ventavam nas folhas das palmeiras imperiais e murmuravam pelas barracas mercado. Seus habitantes eram discretos também, dotados dos modos escorregadios que eram de se esperar em quem tinha crescido sob a vigilância não apenas das assustadoras gárgulas bordadas entre as rendas das cúpulas de arenito, mas também de um céu tão azul que não podia deixar de pertencer aos olhos das divindades responsáveis pelo destino dos homens. Do prefeito quixotesicamente empenhado em preservar a dignidade dos bailes das debutantes de verão aos pescadores de mares secos resignados a vender conchas vazias nos exóticos mercados populares, passando pela prostituta canonizada que se recusava a vestir vermelho e as hordas de homens que sonhavam em

morrer nos seus braços, todos eram muito desconfiados diante das cintilantes novidades do mundo e firmemente decididos a manter-se fiéis a si mesmos e morrer tentando.

Como todas as cidades antigas, ela tinha suas entranhas tomadas por segredos. Ruelas clandestinas fervilhando por trás da enganadora placidez de paredes de rocha maciça, amores brutais e assassinatos tórridos repousando dentro do frescor sombrio das grandes mansões, corredores secretos cravejados de brilhantes atravessando toda a sua labiríntica geografia por baixo dos mosaicos de pedrinhas coloridas nas calçadas ancestrais. Em um desses corredores vivia o monstro.

Descrevê-lo fisicamente seria inútil, pois nada é mais irrelevante para as criaturas cultivadas na escuridão que a aparência. Tampouco adiantaria explicar sua personalidade ou suas intenções, pois elas eram inexistentes. O monstro era apenas uma coisa sem forma e sem ser, que nada fazia além de olhar para cima o dia todo, todos os dias, por um buracozinho infinitesimal que existia entre duas pedras mal encaixadas do calçamento. Ele olhava não por interesse ou curiosidade, mas por puro hábito, pois nada mais havia que fazer naquele mundo de silêncio e sombra, e as coisas que via eram as mesmas todos os dias. Pés torturados avançando num valente tremular sobre saltos de couro de cobra. Esgotadas solas de borracha barata se arrastando ao fim do dia. Chicletes, bilhetes de amor anônimos e panfletos publicitários descartados. Os pungentes mistérios do espaço entre as pernas das mulheres que abdicavam

do uso de roupa íntima. O satisfeito clique-clique das patas de filhotes felpudos. O sibilante deslizar de alguma roda ocasional. Um milhão de repetições e variações do mesmo tema. O mundo visto de baixo não era a mais estimulante das coisas. Até o dia em que Serafina apareceu, correndo atrás de uma bola multicolorida que deixara cair enquanto saía da limusine reluzente para a sua nova casa.

O perverso percurso da bola levou-a a parar exatamente em cima do buraquinho na calçada onde vivia o monstro, e naquele exato instante ele se tornou existente, arrancado de seu torpor milenar pelas irresistíveis forças do assombro. Não foi pela profusão de rendas e babados nas refinadas calcinhas que a saia rodada deixava entrever, ou pela incomparável maciez que as pernas exangues sugeriam. Aquelas coisas todas a criatura estava acostumada a ver, todos os dias. O que a surpreendeu de maneira tão extraordinariamente sem precedentes em Serafina foi a fresca exalação dos seus interiores pré-púberes, um perfume que tinha a doce acidez de um botão de rosa ainda por abrir que era o exato oposto do odor da santidade, e que apelava de maneira irresistível à sua natureza de monstro. Ele estava capturado. Apaixonado, em outras palavras.

Serafina, no entanto, permanecia livre e desavisada. Com o brutal descaso de que apenas os inocentes são capazes, ela se abaixou, precipitando uma exalação mortal nas narinas recém-formadas da criatura, pegou sua bola, levantou-se de novo e, com meia dúzia de passos, retirou-se do alcance do monstro

pelo que poderia ser o resto da eternidade. Confinado por seus próprios decretos, ele teve que se contentar em apenas sentir o seu afastamento, cobrindo-o com um manto de escuridão, frio e silêncio adicionais.

Aquilo, no entanto, não seria para sempre. Serafina estava se mudando para a casa logo em frente, a opulenta mansão de onde o velho bispo fora descerimoniosamente expulso para dar lugar à sua mãe, infame santa dotada de incomparáveis poderes. A escuridão subterrânea debaixo do buraquinho na calçada tinha braços longos o bastante para encontrá-la, e a criatura era paciente o suficiente para dedicar o tempo e os esforços que fossem necessários para abrir o caminho até o seu mundo de superfícies cintilantes.

O monstro pensou que a corrupção seria fácil. Curiosamente, não lhe ocorreu que ela pudesse já estar lá.

## II.

Um suspiro final e o ranger da cama cessou, e em seu quarto cor de rosa Serafina interrompeu o tranquilo despetalar das flores para olhar pela janela. Ela soltou um suspiro, também. A noite era longa, a voracidade sexual de Verônica era mais longa, a fila de homens esperando para morrer do lado de fora da casa era mais longa ainda, e não havia nada que se pudesse fazer a respeito. Era simplesmente natural que aquilo acontecesse, quando sua mãe era uma maníaca sexual canonizada pela

milagrosa capacidade de provocar em seus parceiros um prazer intenso o suficiente para matá-los.

Não fora simples, o processo de canonização. As autoridades responsáveis ficaram a princípio escandalizadas pela natureza profana do poder, as acusações de falsidade ideológica não tardaram a circular, e por alguns momentos parecera que até mesmo a polícia e a inquisição iriam se envolver. No fim, entretanto, a neurologia fora capaz de provar que as faculdades de Verônica eram tão genuínas quanto sem precedentes, e consciente de que tamanho poder só poderia vir de deus ou do demônio, a Igreja e sua infalível tendência à sobrevivência se apressaram a recrutar a mãe de Serafina para o seu empoeirado exército de santos e mártires.

Verônica aceitara a duvidosa honra com a mesma complacência distraída com que aceitava os avanços suicidas de todos os seus piedosos devotos, mas deixara bem claro que seu expediente de santidade era limitado à vibração elétrica das horas noturnas. A suavidade do dia, essa ela dedicava à sua doce filha de olhos impenetráveis. Juntas, elas compravam vestidos de babados e rendas, deslizavam pelas ruas ensolaradas da cidade, dividiam vagos mistérios femininos em vozes sussurradas e se deleitavam com pequenos doces de todas as cores do espectro visível pelo homem. Azul anil, rosa danação, verde primavera, amarelo ouro, violeta viridiano – todas as cores eram possíveis e apreciadas, com exceção do vermelho. O vermelho, advertia Verônica entre mordidinhas delicadas, era perigoso e proibido.